



Pirataria nas telecomunicações gera prejuízos sérios para empresas e consumidores

Gilberto Gandelman (*)

A pirataria de serviços de telecomunicações é um grande desafio para o mercado e o Poder Público, porque é um crime com grande impacto econômico e sérios riscos para os consumidores

Segundo a Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA), a pirataria de TV por assinatura gera um prejuízo anual de cerca de R\$ 15 bilhões para o setor e evasão fiscal de R\$ 2 bilhões aos cofres públicos.

A situação é tão grave que, de acordo com o Anuário da Associação Brasileira de Combate à Falsificação, o Brasil está na 7ª posição no ranking dos países com mais perdas com a pirataria de produtos de telecomunicações.

Para reverter esse quadro, órgãos como a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Receita Federal e Polícia Federal têm intensificado o combate à comercialização de TV boxes não homologadas e a serviços clandestinos de IPTV.

Mas esse não é um problema simples de resolver, pois cerca de 20% dos lares brasileiros optam pela pirataria, de acordo com a ABTA. E, infelizmente, as TV boxes piratas podem expor os usuários a riscos de cibersegurança, como roubo de dados – inclusive sensíveis.

Ao optar pelos serviços clandestinos, os clientes podem sofrer com a qualidade inferior e a constante instabilidade. Também vale ressaltar que as empresas sérias sofrem graves prejuízos financeiros com a pirataria, deixando de gerar divisas para o Brasil e mais empregos formais.

Com o crescimento da demanda por streaming e outras opções de lazer digitais, a tendência é o crescimento da oferta de TV boxes piratas, que não

oferecem a qualidade e não contam com qualquer tipo de suporte, podendo comprometer a segurança dos dados dos usuários. Diante desse cenário, é fundamental que as empresas do setor de Telecomunicações e o Poder Público atuem para conscientizar as pessoas e reduzir a concorrência desleal.

No caso dos consumidores, a recomendação é adotar algumas medidas para adquirir produtos originais do segmento de telecomunicações e evitar a pirataria. Uma delas é procurar lojas oficiais das marcas ou revendedores autorizados, que ofereçam garantia e assistência técnica, o que indica a procedência adequada do produto.

Também é muito importante desconfiar de preços muito baixos. Caso o preço seja bastante inferior ao praticado por outros vendedores, é bom analisar a oferta com atenção, pois é provável que o produto seja falsificado ou de qualidade inferior.

Outro procedimento válido é verificar a presença do selo da Anatel no produto e na embalagem da mercadoria. Geralmente, os itens originais têm embalagens de alta qualidade, com informações claras e precisas. Também é interessante constatar se a embalagem está em bom estado, sem sinais de violação ou adulteração.

Com esses procedimentos, o consumidor tem mais chances de comprar produtos originais, de não cair em golpes e de não ter prejuízos financeiros. Além disso, ajuda o mercado a se aprimorar, o Governo a melhorar a arrecadação e a sociedade a denunciar casos identificados de pirataria aos órgãos públicos competentes (Anatel, Polícia Federal, Procons) responsáveis por combater as falsificações.

(*) CEO da Proeltronica.

O Brasil está atrasado? O que a China tem a ensinar sobre cibersegurança

Em recente viagem à China, tive a oportunidade de explorar um dos mais avançados ecossistemas tecnológicos do mundo

José Cordeiro (*)

Meu objetivo foi visitar empresas, participar de eventos e conhecer profissionais da área; além disso, a viagem reforçou minhas percepções positivas sobre o país asiático. Não é à toa que a China é uma das maiores potências mundiais, com um dos maiores crescimentos econômicos do mundo: sua estrutura e seus avanços tecnológicos constantes são notórios, e me fizeram refletir sobre como o Brasil lida com a tecnologia e a cibersegurança de forma geral.

O ritmo intenso das grandes cidades chinesas é marcante, e cada visita a organizações e centros de inovação me trouxe insights valiosos. Entre tantos aprendizados a partir dessa experiência, o que mais chamou minha atenção foi o uso intenso de dados. A informação na China é utilizada como prioridade estratégica. Para isso, o governo chinês tem acesso a quase tudo associado à vida dos cidadãos, o que envolve dilemas éticos para nós que vivemos protegidos pela LGPD. Contudo, os mecanismos de segurança para empresas e governo são bastante robustos e suas infraestruturas possuem um objetivo claro: impulsionar a indústria tecnológica local.

Lembro que uma conversa com um líder de segurança cibernética de uma grande companhia de tecnologia foi especialmente marcante. Pude perceber como a integração de inteligência artificial e big data transforma as políticas de proteção em algo quase preditivo. Não se trata apenas de reagir a ataques, mas de antecipá-los, rastreando ameaças em tempo real e ajustando sistemas



JINRAN_CAI/NOVA

para estarem prontos antes mesmo que qualquer incidente cibernético ocorra.

O uso intensivo de tecnologias avançadas é outra característica marcante da cibersegurança na China e implementada pela maioria das organizações do país. Segundo uma pesquisa da SAS, 83% das corporações chinesas utilizam IA generativa. As soluções de inteligência artificial mapeiam ameaças em tempo real, analisam comportamentos suspeitos e identificam padrões de risco preventivamente. Capacidades cruciais para proteger redes complexas e dados sensíveis.

O setor financeiro chinês é um exemplo notável de como investir nessas tecnologias é um diferencial estratégico. Plataformas como Alipay e Tencent garantem experiências de pagamento seguras para bilhões de transações diárias, sem comprometer a agilidade dos serviços e sem colocar em risco informações sigilosas como os dados pessoais de seus clientes.

Além disso, pude presenciar como as soluções de IA são integradas diretamente aos sistemas de pagamento. Foi fascinante observar como os dados são analisados em tempo real

para prevenir fraudes sem comprometer a experiência do usuário. Isso me fez refletir sobre os desafios no Brasil: como encontrar esse equilíbrio entre proteção e velocidade? A urgência de combater fraudes digitais enquanto garantimos uma experiência prática e confiável é um dilema que precisa de respostas imediatas.

Cidades inteligentes: revolução tecnológica no cotidiano

Outro aspecto relevante da inovação chinesa é o uso de cidades inteligentes como campos de teste para a cibersegurança. Em visita à Pequim e Xangai, observei como a integração entre monitoramento urbano e estratégias preventivas cria um ambiente controlado e seguro. Esse sistema protege dados dos cidadãos e otimiza a resiliência contra ciberataques em infraestruturas críticas.

Além disso, a implementação dos chamados “humanos digitais” chamou minha atenção. Essas criações virtuais, alimentadas por modelos avançados de inteligência artificial, são capazes de imitar expressões, gestos e até mesmo estilos de fala de pessoas reais. Na China, eles já desempenham funções cotidianas, como triagem

em serviços de saúde ou suporte a processos burocráticos, como a renovação de habilitação para motoristas, proporcionando rapidez e eficiência no atendimento. Uma mudança que poderia ser trazida para o Brasil para benefício da população e para retomada da confiança em serviços públicos, aliviar gargalos no atendimento público e otimizar serviços essenciais.

Em contraponto, é fundamental ressaltar a vigilância intensiva feita pelo governo chinês e que reflete no comprometimento da liberdade individual dos cidadãos chineses. Portanto, caberia ao Brasil um filtro: absorver as boas práticas e descartar o que é prejudicial, criando o próprio sistema de segurança inspirado no que há de melhor no mundo.

Oportunidades para o Brasil

A segurança digital não deve ser apenas um escudo contra ameaças, mas um pilar de confiança. Com políticas públicas incentivadoras, apoio governamental e uma adoção criteriosa das melhores práticas vindas do mercado oriental, o Brasil pode liderar sua transformação digital e consolidar uma posição competitiva no cenário global.

Essa viagem foi uma imersão em um futuro que já é presente em algumas partes do mundo. Mas também um convite para refletir sobre o que podemos construir aqui. Afinal, o primeiro passo para transformar a maneira como lidamos com a cibersegurança é acreditar que podemos liderar nossa própria revolução digital. E isso está ao nosso alcance.

(*) Diretor de TI da CG One.

Empresário ensina sobre investimento com foco em liberdade financeira

Davi Ramos é sócio-fundador da Vante Invest, vinculada ao BTG Pactual, e amplo defensor da educação como ponte rumo à construção da riqueza. Pouco estimulado nos debates populares e ausente nas grades curriculares das escolas no Brasil, o estudo sobre os investimentos financeiros pode se tornar um objeto inacessível para certos públicos. Para reverter esta tendência, um empresário de Brasília tem reunido esforços para levar o conhecimento da área para cada vez mais pessoas, com conteúdos descomplicados e ensinamentos que vão além da esfera econômica.

Davi Ramos é o idealizador deste movimento e tem uma trajetória marcada por desafios dos quais ele sempre tentou absorver aprendizados. Em multinacionais como a General Motors e a Ford, atuou com destaque em relações institucionais, vendas e marketing, mas foi somente em 2015 quando “virou a chave” e decidiu entrar no mercado de finanças. Uma vez inserido nesta realidade, o investidor percebeu que aquilo ainda era muito restritivo à grande massa e precisava de novas visões “mais humanas”, principalmente para quem queria ingressar nela.

Foi diante desta inquietação pessoal que surgiu a iniciativa de criar a Vante Invest, uma empresa prestadora de assessoria dentro deste segmento para um público variado, que abrange desde o brasileiro comum até quem já possui patrimônios e deseja crescer com segurança. Com uma visão prática e sustentável do setor, o escritório foi potencializado com o reforço de outros dois sócios, conquistando notoriedade e se firmando como um dos principais braços comerciais do BTG Pactual, considerado o principal banco de investimentos da América Latina.

A companhia tem como perfil contratante pessoas físicas e jurídicas, geralmente empresários e famílias que já possuem capital a partir dos R\$ 300 mil, carentes por um direcionamento especializado. Atualmente, o trio tem planos de expandir os serviços para São Paulo em até doze meses, além de dobrar o AUC (Ativos sob Custódia) no mesmo período. A projeção é que haja um crescimento de mais de 200% no faturamento até o final de 2026, considerando a entrada em novos nichos e a chegada de potenciais investidores interessados na consultoria.

Encabeçada por Davi, a equipe compartilha dos mesmos ideais amigáveis de relacionamento com o assessorado, no qual o atendimento precisa ser próximo e personalizado. Este modelo tem por objetivo uma construção gradual do crescimento no longo prazo: “Nosso papel vai muito além de indicar investimentos — queremos construir jornadas financeiras sólidas e duradouras ao lado de cada cliente”, explica o sócio-fundador, que já planeja levar os seus ensinamentos para mais pessoas por meio do livro “Capital Inteligente”, cujo lançamento está previsto para este ano.

Na obra, o empresário conta, a partir das suas experiências, quais são as principais armadilhas presentes nesse setor e o que fazer para evitar ser mais uma vítima do sistema. A publicação é separada em “sete pilares”, sendo o referente ao “conhecimento” o mais negligenciado pelo público que deseja construir as suas riquezas. Por isso, Ramos busca a todo momento reforçar a importância da educação financeira como algo fundamental, uma vez que, para ele, enriquecer não é sobre ter sorte ou ganhar na loteria, mas sobre construir, com consciência e método, uma vida de liberdade econômica real.

